



IMIGRAÇÃO NA EUROPA

Abdel Majid Bziouat/AFP



Prato cheio para a extrema-direita

Invasão de milhares de marroquinos ao enclave espanhol de Ceuta deve ser usada no reforço do discurso de partidos ultraconservadores. Crise migratória aumenta o risco de medidas mais restritivas para fechar as fronteiras do continente

» RODRIGO CRAVEIRO

As recentes imagens de milhares de migrantes atravessando a nado do Marrocos até o enclave espanhol de Ceuta, como se fossem uma torrente humana, chocaram a comunidade internacional e preocuparam especialmente a União Europeia (UE). Para especialistas consultados pelo **Correio**, a mais recente crise no continente pode reforçar o discurso de partidos da extrema-direita e facilitar a imposição de políticas migratórias mais rígidas. Em 2027, a França e a Espanha realizarão eleições gerais em meio ao crescimento, respectivamente, do Reagrupamento Nacional, de Marine Le Pen, e do Vox, de Santiago Abascal. Em Portugal, o partido Chega!, de André Ventura, também vem ganhando força nos últimos anos.

A espanhola Berta Álvarez-Miranda, professora de sociologia da Universidad Complutense de Madrid e especialista em sociologia das migrações, avalia que imagens como as vistas em Ceuta alimentam a simpatia por uma extrema-direita que promete mais segurança e mais “seleção” dos imigrantes. “A impressão de falta de controle nas fronteiras que essas imagens geram no público é facilmente explorada politicamente para defender políticas fronteiriças mais restritivas”, explicou ao **Correio**. “A meu ver, a Europa precisa implementar efetivamente as políticas existentes, em vez de reformá-las, abordando as fragilidades na cooperação com os países terceiros envolvidos na gestão dos fluxos migratórios e na prevenção da perda de vidas humanas.”

Para Álvarez-Miranda, a recente entrada massiva em Ceuta pode incentivar políticas europeias de imigração mais restritivas. Um fenômeno ocorrido nos últimos anos, em resposta a uma série de eventos nos quais países de origem ou de trânsito

Jorge Guerrero/AFP



Homem reza ao chegar em segurança a Ceuta; mulher recebe ajuda na travessia (D)

de migrantes negligenciaram o controle das fronteiras ou produziram, de forma intencional, um fluxo massivo. “Temos exemplos na mesma Ceuta e na Polônia, Letônia e Lituânia, em 2021; na Finlândia, em 2015 e em 2023; e na Grécia, em 2015 e em 2020”, lembrou.

Professor da Universidade Abdelmalek Essaadi (em Tétouan, no Marrocos), Ahmed Dardari explicou ao **Correio** que muitos governos interpretam o movimento irregular de migrantes como um teste da habilidade da UE para proteger suas fronteiras externas. “Eles temem que o fenômeno possa se espalhar para seus limites territoriais, forçando-os a apertarem os controles fronteiriços, os procedimentos de asilo e o retorno dos migrantes. Enquanto Ceuta não for devolvida ao Marrocos, o fluxo de migrantes continuará sendo uma possibilidade a qualquer momento”, advertiu.

Dardari lembrou que a invasão a Ceuta coincide com a ascensão de partidos de

Jorge Guerrero/AFP



extrema-direita e populistas. “Eles exploram tais crises para endurecer suas posições sobre a imigração, associando-a a riscos de segurança, econômicos e sociais. Também exercem pressão interna, com a adoção de políticas mais rigorosas, a fim de evitar parecerem lenientes aos olhos da opinião pública”, disse o marroquino.

Ainda segundo Dardari, a crise em Ceuta renovou os apelos por uma revisão abrangente da política migratória da Europa, enfatizando o papel do Marrocos como parceiro no enfrentamento dos desafios migratórios e de segurança fronteiriça, além da necessidade de expansão da cooperação entre nações de origem e trânsito. “Ela foi explorada para influenciar o equilíbrio político na União Europeia, especialmente depois que a Espanha tentou anexar os enclaves marroquinos de Ceuta e Melilla às suas reivindicações territoriais no Atlântico — proposta rejeitada pelos EUA e pela Turquia.”

Myriam Cherti — investigadora do

Centro sobre Migração, Política e Sociedade da Universidade de Oxford — admitiu que a escalada da travessia em Ceuta pode ser usada para justificar políticas migratórias mais rigorosas. “Inclusive, para reforçar narrativas de extrema-direita sobre fronteiras descontroladas, soberania e fracasso das proteções de asilo. Ceuta e Melilla são fronteiras simbólicas, o que torna fácil apresentar a crise como uma ameaça mais ampla à Europa”, disse à reportagem.

Descentralização

A estudiosa de Oxford vê a crise no enclave como um “poderoso pretexto” para os ultraconservadores. Mas descarta que ela forneça base factual sólida para retratar a migração em toda a Europa como algo uniformemente fora de controle.

Cherti espera que a UE adote uma combinação de controles físicos de fronteiras mais rigorosos, procedimentos mais ágeis e maior vigilância digital. “Uma resposta política mais sustentável combinaria a gestão fronteiriça com operações de resgate eficazes, acolhimento humanitário, decisões individuais sobre asilo e retorno, salvaguardas para crianças, monitoramento independente e acesso à mobilidade legal.”

O marroquino Mehdi Lahlou, professor de economia da Universidade de Rabat e especialista em migração internacional, considera como “bastante evidente” a tentativa da extrema-direita de “sequestrar” a crise em Ceuta. Ele lembrou que uma parcela crescente da opinião pública europeia acredita na possibilidade de fazer mais para “defender” as fronteiras externas do continente. “Além da militarização dessas fronteiras e das repatriações em massa de migrantes considerados indesejáveis, parece difícil ir além, sob o risco de transformar todos os países de ‘origem’ em inimigos das nações europeias”, disse à reportagem.

Eu acho...

“A UE busca se proteger contra situações em que países de origem ou de trânsito usam migrantes como moeda de troca — visando ajuda financeira, redução de sanções, apoio geoestratégico ou ganhos territoriais. Isso ocorre por meio de medidas emergenciais, nas quais os países se comprometem ao apoio mútuo, e da flexibilização das normas de asilo.”



Arquivo pessoal

Berta Álvarez-Miranda, professora da Universidad Complutense de Madrid e especialista em sociologia das migrações

“A crise de Ceuta atribui responsabilidade a um país específico e exige uma abordagem europeia conjunta, baseada na partilha de responsabilidades, no reforço da cooperação com o Marrocos e com os países de origem, por meio de investimentos em desenvolvimento, no combate às redes de tráfico de pessoas e no estabelecimento de canais de migração legais e seguros.”



Arquivo pessoal

Ahmed Dardari, professor da Universidade Abdelmalek Essaadi (em Tétouan, no Marrocos)

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

ÍNDIA E O PARTIDO DO POVO BARATA

“Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, ele descobriu que havia sido transformado num inseto repugnante.” Começa assim a novela mais famosa do século 19. Apesar de não ser especificado, na imaginação de muitos, o tal inseto de *A Metamorfose*, de Franz Kafka, seria uma barata.

A transformação do personagem, narrada por Kafka, remete à situação metafórica que acomete tanta gente que, injustiçada, pode se sentir reduzida à condição de inseto. De fato, muitas e muitas vezes, “o inferno são os outros”, especialmente para os que tiram zero em concursos e bancas e sabem que foram julgados por quem não merece nota melhor.

De toda forma, não se tem notícia de que o jovem indiano que lançou, em maio, o fictício “Partido do Povo Barata”, tivesse a história de Kafka em mente.

Tratava-se apenas de uma sátira em resposta aos comentários feitos pelo juiz que preside a Suprema Corte da Índia,

Surya Kant, que rapidamente se tornaram virais. Durante uma audiência, o magistrado comparou jovens desempregados e ativistas que se queixavam do sistema a “baratas”.

Concursos públicos são máquinas que secretam sentidos ocultos no mundo estatal. Todavia, os sentidos ocultos nem sempre são literatura de ficção. Eles podem assumir diversas formas absurdas de dar sentido ao que fazemos ou ao que fizeram de nós.

O fato é que a ascensão repentina do “Partido do Povo Barata” nas redes sociais indianas, desde maio, mostra que o movimento se transformou em um canal para a insatisfação difusa de uma geração de jovens que se sente desconsiderada de forma repetida e estrutural. E com tempo — e também a ajuda não intencional de uma virulenta reação das forças policiais do governo, ao que no início eram poucas pessoas protestando nas ruas pacificamente — ganhou volume e presença física na

capital, Nova Délhi, e por todo o país. O nome do partido-movimento também é um trocadilho com o do partido governista da Índia, o Bharatiya Janata Party (BJP), ou “Partido do Povo Indiano”.

O jovem que lançou o movimento, Abhijeet Dipke, é de origem dalit, a casta que mais exclusão sofre no país. De 2023 até junho deste ano, ele esteve nos Estados Unidos para cursar um mestrado em Relações Públicas na Universidade de Boston.

Já o ministro Surya Kant é conhecido por insistir que os direitos fundamentais não podem ser dissociados da responsabilidade cívica e faz observações no Supremo indiano que se transformam em manchetes, desencadeando debates políticos e agitação nas redes sociais. Sobre a referência às baratas, ele afirma que se dirigia apenas aos milhares de advogados que, segundo ele, exercem a profissão no país com diplomas falsos.

Não foi bem assim: o juiz, começou atacando os tais advogados com

diplomas falsos e enveredou numa diatriba sobre “parasitas” e “jovens como baratas, que não conseguem emprego e nem possuem nenhuma profissão”.

Seja como for, depois que o movimento em torno do “Partido do Povo Barata” conseguiu forçar a demissão do ministro da Educação, Dharmendra Pradhan, no fim de julho, seu fundador, Abhijeet Dipke, declarou: “gostaria de agradecer ao ministro Surya Kant. Se ele não nos tivesse chamado de baratas, este movimento não teria começado.”

O partido-movimento se diz a “voz dos preguiçosos e desempregados” e mirou sua fúria, ao mesmo tempo bem-humorada e dramática, contra notícias sobre vazamento de provas de processos seletivos para cursos de medicina que causaram furor no país. O problema não se restringe a vestibulares ou bancas universitárias, uma vez que é recorrente a percepção de concursos fraudados na Índia.

A Índia, não muito diferente do Brasil, mas em maior escala, organizou sua hierarquia republicana em torno de concursos públicos e indicações por

notório saber — desde acesso à educação até a cargos do Estado com prestígio e melhor remuneração —, no intuito de pavimentar, num país muito desigual, caminhos teoricamente imparciais e equitativos de acesso. Entretanto, entre intenção e prática vai uma distância. O fato é que essa fixação em seleções por concursos e bancas adoecce muita gente excluída por fraudes e injustiças de toda sorte.

No drama indiano temos greves de fome, suicídios e esse sentimento de que se a geração atual vive num país muito mais desenvolvido e próspero do que as gerações anteriores o desequilíbrio como se forma a elite do Estado é um escândalo real, que se espalha pelas democracias incompletas. No fim, pode se estar formando uma cultura sem futuro onde furar fila, se dar bem, botar protegido no Estado e no governo, vai adoecendo as nações e corrompendo o sentido do esforço, do trabalho e do que seja uma reorientação mais bem ajustada da vida saudável em sociedade.

PAULO DELGADO, sociólogo